

Elaborado por:



Estudos pós-graduados em  
economia política.  
Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo

**Profa. Anita Kon**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO  
PAULO - PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-  
GRADUADOS EM ECONOMIA POLÍTICA.

## 1. SITUACIÓN ECONÓMICA

### ACTIVIDAD ECONÓMICA

No final do primeiro semestre e início do segundo, a indústria brasileira registrou uma queda de 2% na produção, anulando o não significativo avanço que havia mostrado em dois meses anteriores. A aceleração esperada do consumo não se realizou, em razão da inflação mais alta e a indústria permaneceu com estoques altos. Esta queda foi generalizada atingindo todas as categorias de produtos. Assim, este fato muda as previsões de que a economia poderia ir melhor do que havia sido previsto para o segundo trimestre.

A estes acontecimentos se somaram um recuo nos investimentos e a invasão de produtos importados a baixo custo, o que refreou a atividade econômica industrial. A Confederação Nacional da Indústria salientou que confiança do empresário do setor industrial atingiu em julho seu menor nível desde abril de 2009 e atribui o resultado à alta dos juros e aos protestos de rua iniciados em junho.

No comércio varejista, nos quatro primeiros meses deste ano houve queda de 8% das vendas em São Paulo, polo econômico do país, particularmente nas lojas de departamentos, apesar das medidas de estímulo ao consumo pelo crédito mais acessível, que foram insuficientes para impedir a queda no faturamento real. No em tanto em julho, no varejo, as vendas dos supermercados, hipermercados e demais lojas de alimentos e bebidas tiveram impulso em virtude da menor inflação nos alimentos. Também os setores de móveis, eletrodomésticos e combustíveis tiveram resultados

positivos o que impediu o comércio de fechar o mês com retração, devido à queda generalizada das vendas de outros ramos.

## **SECTOR EXTERIOR**

Em julho, a queda na produção de petróleo e derivados bem como o recuo dos preços de matérias-primas (*commodities*), que constituem os principais produtos exportados, fizeram o país ter o primeiro déficit no comércio exterior desde 2000 no seu comércio, através da diminuição (de 5%) do valor das exportações. Os exportadores já fizessem previsões de déficit de US\$ 2 bilhões em 2013. No primeiro semestre deste ano, a balança acumulou déficit de US\$ 3 bilhões. Também existe a preocupação com a desaceleração da China, principal importador do minério de ferro do Brasil, e ainda preocupa os elevados níveis mundiais de estoque de aço.

Por sua vez, um fator positivo foi a alta na exportação de soja, que teve produção e exportação recorde, embora este desempenho dos grãos não foi suficiente para salvar o cenário desastroso em outras áreas.

Os analistas indicam que embora a queda verificada no Real torne os produtos industrializados mais competitivos, a exportação destes também não deve compensar as commodities, tendo em vista a demanda retraída nos principais importadores de industrializados.

Dessa forma, em um cenário internacional turbulento, a dependência do Brasil por recursos externos se elevou e no primeiro semestre do ano houve crescimento nas contas externas que registram as principais transações com os demais países, de quase US\$ 20 bilhões em relação a 2012, apesar dos fluxos de US\$ 30 bilhões dos chamados investimentos diretos, que ficaram abaixo do déficit em transações correntes, pois devido às incertezas que prevalecem em relação ao ritmo de crescimento mundial, o fluxo de recursos externos passou a ser menos favorável a economias emergentes como a brasileira.

O Banco Central projeta um aumento para US\$ 75 bilhões no déficit nas contas externas no fim de 2013, porém acredita que a desvalorização do real, que vem sendo registrada desde maio, ajudará a conter o avanço da deterioração desse saldo.

## **SECTOR PÚBLICO Y POLÍTICA FISCAL**

No final do primeiro a arrecadação federal caiu 1% em junho, na comparação com o mesmo mês de 2012, em termos reais e a arrecadação acumulada ficou estável nesta comparação. Este resultado mais fraco reflete a retomada errática da economia e as políticas de desonerações realizadas pelo governo para tentar alavancar o PIB, com cortes de impostos que somaram R\$ 35,1 bilhões no primeiro semestre.

Por sua vez, a economia do setor público para pagamento de juros apresentou uma recuperação em junho, com superávit de R\$5,4 bilhões, conseguia por um forte crescimento do valor economizado por Estados e municípios. Porém ainda fechou o primeiro semestre em queda de 20,5%, desde que, segundo o Banco Central, o superávit primário ficou em R\$ 52,2 bilhões nos primeiros seis meses do ano, ante R\$ 65,7 bilhões no mesmo período de 2012. Em 12 meses, o valor economizado por todo o setor público de 2% do PIB, foi inferior à nova meta do governo Dilma para 2013, de 2,3%. No final de julho, o governo anunciou corte de R\$ 10 bilhões nos gastos federais com objetivo de compensar a provável frustração da meta de economia para Estados e municípios no ano.

## **EMPLEO**

O primeiro semestre de 2013 mostrou queda de 20% no número de empregos criados no Brasil, em relação ao mesmo período do ano de 2012. Porém, as expectativas são de que haja recuperação da geração de empregos nos próximos meses devido ao aumento dos investimentos e porque no mês de junho o resultado mostrou a criação de 3% a mais de empregos em relação a junho do ano anterior. Neste mês, a agricultura liderou a geração de empregos, com crescimento de 3,65%, por motivos sazonais. Outros segmentos tiveram certo crescimento como comércio e indústria da transformação, em borá com aumento pouco significativo de apenas 0,09%. No entanto, os especialistas não esperam uma recuperação expressiva nos próximos meses.

Dados de desocupação divulgados pelo IBGE reforçam os sinais de que o mercado de trabalho está diminuindo gradativamente em 2013, pois a taxa de desocupação nas seis maiores regiões metropolitanas do país subiu de 5,8% em maio para 6% em junho, interrompendo uma sequência de quase quatro anos de redução contínua do desemprego. Isto resulta do fraco desempenho da economia e se em 2012, a população ocupada cresceu em média 2,1%, em 2013 a média caiu para 1,2% e o número de novos postos já desconsideradas as demissões, caiu 20% ante igual período de 2012, embora do ponto de vista histórico a taxa registrada em junho ainda é baixa.

O comportamento da indústria é considerada como um dos fatores que explicam a fraqueza do emprego, especialmente em São Paulo, maior parque industrial do país.

## **POLÍTICA MONETARIA E INFLACIÓN**

Em julho, o Comitê de Política Monetária do Banco Central elevou juros pela terceira vez seguida, levando a taxa básica Selic a 8,5% ao ano, no combate à inflação alta, como era a expectativa do mercado. A recente disparada do dólar pressiona os preços no país, porém o fraco crescimento econômico não abre espaço para uma alta mais intensa dos juros, que dependerá do comportamento do dólar, pois se o dólar continuar em alta, a taxa poderá chegar a 10% dizem os especialistas. Uma pesquisa do BC divulgada semanalmente mostra que a maioria das mais de cem instituições consultadas acredita em mais duas altas nos juros até o fim do ano, levando a Selic a 9,25%.

Embora no mês a inflação foi fraca, os economistas esperam novos aumentos de juros porque a taxa acumulada em 12 meses está em 6,7%, bem acima da meta oficial que é de 4,5%, com limite máximo de tolerância até 6,5%. Para ajudar no controle da inflação, o Ministério da Fazenda se comprometeu a cortar gastos e a fazer um superávit primário do setor público de 2,3% do PIB em 2013.

Além disso a queda acima do esperado da produção industrial levou à decisão governamental de um novo bloqueio de despesas do Orçamento para auxiliar o Banco Central a segurar a alta de preços, desde que a equipe econômica salienta que a inflação em patamar elevado é uma das razões para o fraco crescimento neste semestre do ano.

A recente onda de protestos no país obrigou o comércio a fechar suas portas antecipadamente, o que teve impacto nos preços dos alimentos e ajudou a conter a inflação em junho, quando um dos principais responsáveis pela desaceleração no mês foi o menor aumento do preço de alimentos. Como resultado das manifestações, o comércio varejista ficou com um estoque maior de alimentos e com menos espaço para aumentos de preços. Além da alimentação outras quedas de preços vieram dos combustíveis, com retração de 5,3% do etanol e de 0,9% da gasolina.

## **MERCADOS FINANCIEROS**

No primeiro semestre do ano, o Ibovespa, principal índice do mercado de ações teve queda de 22,14%, o pior desempenho semestral desde a segunda metade de 2008, quando estourou a crise financeira global. As perdas forma maiores para empresas ligadas ao mercado externo, como dos setores de mineração, siderurgia e petróleo e gás. Este resultado decorreu das perspectivas de crescimento menor que o previsto da China, principal mercado consumidor de matérias-primas do mundo, além das incertezas em relação ao futuro dos estímulos econômicos nos Estados

Unidos, pois os especialistas acreditam que se o Banco Central americano cortar mesmo as medidas de incentivo monetário, a aposta de investidores é que o próximo passo seja o aumento do juro básico do país, atualmente quase zero. A taxa maior faria com que os títulos do Tesouro dos EUA, considerados de baixo risco, se tornassem mais atraentes do que aplicações em países emergentes, como a Bolsa de Valores brasileira.

No que se refere a ações de setores ligados ao mercado brasileiro, como de consumo (produtos essenciais como alimentos e vestuário) e de bancos, ao analistas chamam a atenção de que o cenário no curto prazo para investimento em ações destes segmentos foi prejudicado devido ao alto endividamento das famílias brasileiras, ao aumento de taxa de juros e pela alta do dólar e da inflação. Porém, no longo prazo (cinco anos), os papéis, que ficaram baratos, podem ser boas oportunidades.

## **TIPO DE CAMBIO**

A alta continuada do dólar em julho fez com que indústria preparasse uma onda de reajuste de preços, que neste ano já subiu quase 10%, o que deve ampliar a pressão inflacionária até o fim do ano. O câmbio pressiona os custos em vários segmentos da indústria, como computadores, eletrodomésticos, eletroeletrônicos, autopeças e veículos, que são setores que utilizam mais de 30% de peças e insumos importados, e também os eletrodomésticos da linha branca e os televisores vão ficar mais caros. A indústria vinha absorvendo as recentes altas do dólar desde o início do ano. Porém desde maio, quando a moeda atingiu R\$ 2,25, não foi mais possível segurar o reajuste.

O país está com problema de fluxo cambial que até o dia 19 de julho estava negativo em US\$ 2,484 bilhões e dessa forma, começa a se acentuar a falta da moeda no mercado à vista e o dólar continua subindo. Esta alta da moeda americana também refletiu a cautela dos investidores à espera da reunião do Fed (BC americano) que poderia dar novos sinais sobre a manutenção ou o corte dos incentivos econômicos nos EUA desde que o Fed sinalizou que pretende reduzir gradativamente esse estímulo, mas ainda há dúvidas no mercado financeiro sobre quando começaria essa redução e a data de término do processo.

## 2. PERSPECTIVAS ECONÓMICAS

Tendo em vista a desvalorização do real, o risco de inflação mais alta e o efeito das recentes manifestações sociais, alguns economistas fazem previsões de um cenário econômico pior em 2014 do que neste ano. O mercado ainda projeta crescimento de 2,4% do PIB para 2013 (os bancos estimam 2%) e 3% em 2014. Os especialistas salientam que os fatores que determinam a demanda futura estão piorando, ou seja, bolsa em queda, juros em alta, fluxo de capitais em queda.

Também a incerteza em relação à política econômica e a deterioração fiscal afetaram as expectativas do setor produtivo e do mercado financeiro.

No cenário externo, a perspectiva de alta de juros nos EUA antes que o esperado tem levado investidores a transferir recursos de países emergentes para ativos americanos e nesse processo de realocação, a moeda brasileira tem se desvalorizado mais do que as moedas de outros emergentes. No entanto outro grupo de especialistas é mais otimista e acredita que essa onda de pessimismo vai acabar sendo revista e isso tende a trazer uma recuperação do investimento em 2014. A recuperação dos investimentos também é a aposta da equipe econômica para sustentar o crescimento neste ano e em 2014.

## 3. SITUACIÓN POLÍTICA

Em julho, continuaram manifestações populares contra a política governamental, e a resposta do governo federal foi dada através das propostas apresentadas para a população, como a ideia de defender a aprovação de uma reforma política para valer já nas eleições do próximo ano. Estas respostas não foram consideradas convincentes para a situação e houve resistência do Congresso nacional em aprovar algum tipo de mudança nas regras do jogo, num período tão perto das eleições. Para a presidência existe a compreensão de que funcionou a estratégia de marcar posição por mudanças nos hábitos políticos e no combate à corrupção o que foi uma análise equivocada sobre a resposta adequada à situação política no entender da população.